REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E FILOLÓGICOS

ARTIGO

A SINTAXE DO SINTAGMA TOPICALIZADO: UM ESTUDO EXPERIMENTAL SOB A ÓTICA DA CARTOGRAFIA SINTÁTICA*THE SYNTAX OF THE TOPICALIZED PHRASE: AN EXPERIMENTAL STUDY FROM THE PERSPECTIVE OF SYNTACTIC CARTOGRAPHY*

YAN DOS SANTOS SILVA

Mestrando em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Laboratório de Sintaxe e Interfaces (Labsin).

E-mail: yansilva@letras.ufrj.br

RESUMO

Neste trabalho, exibimos os resultados de um estudo experimental acerca da grade argumental e do traço de animacidade das construções topicalizadas do Português Brasileiro. Os objetivos foram os de (i) verificar a propriedade sintática do predador verbal que alberga o SN/DP topicalizado e (ii) examinar a semântica do elemento alvo da topicalização. Nossas hipóteses eram as de que os verbos biargumentais ensejam essas estruturas e a de que a propriedade semântica do elemento topicalizado era recorrentemente maior [+animado]. Quanto à metodologia, utilizamos a experimental, em que se levou em consideração o julgamento de aceitabilidade de frases pelos falantes nativos. A análise feita ancorou-se no arcabouço teórico da cartografia sintática (cf. Larson, 1988; Pollock, 1989; Rizzi, 1997), programa de pesquisa que desenha mapas sintáticos das sequências funcionais e dos principais sintagmas. Os resultados revelaram que os sujeitos participantes do experimento escolheram substancialmente estruturas verbais ditransitivas e sintagmas [-animado].

Palavras-chave: Topicalização; Grade Argumental; Sintaxe Experimental; Cartografia Sintática.

ABSTRACT

In this work, we present the results of an experimental study on the argument grid and the animacy feature of topicalized constructions in Brazilian Portuguese. The objectives were to (i) verify the syntactic property of the verbal predicator that houses the topicalized NP/DP and (ii) examine the semantics of the topicalization target element. Our hypotheses were that biargumental verbs give rise to these structures and that the semantic property of the topicalized element was recurrently greater [+animate]. As for the methodology, we used the experimental one, in which the judgment of acceptability of sentences by native speakers was taken into account. The analysis carried out was anchored in the theoretical framework of syntactic cartography (cf. Larson, 1988; Pollock, 1989; Rizzi, 1997), a research program that draws syntactic maps of functional sequences and main phrases. The results revealed that the subjects participating in the experiment substantially chose ditransitive verbal structures and [-animate] phrases.

Keywords: Topicalization; Argumentative Grid; Experimental Syntax; Syntactic Cartography.



INTRODUÇÃO

Coadunado ao empreendimento teórico oriundo da Teoria de Princípios e Parâmetros (Rizzi, 1997, 2004a,b; Tescari Neto, 2019), este artigo explora a sintaxe das estruturas topicalizadas, sobretudo o sintagma alvo do processo sintático. Em termos gerais, definimos topicalização como uma estratégia sintática cuja finalidade é evidenciar um termo no contexto conversacional. Li & Thompson (1976) defendem que essas estruturas são encontradas em todas as línguas, a despeito de haver múltiplos níveis de produtividade. As sentenças em (1-3) exemplificam essas construções:

- (1) O tio da Marcella, a milícia está procurando pelas comunidades.
- (2) Ao garçom, a moça pediu o telefone.
- (3) As flores todas murchas, Maurício teve a audácia de dar à namorada.

As sequências funcionais subjacentes às estruturas de tópico tiveram suas propriedades investigadas pela sintaxe formal a partir do programa cartográfico, momento em que se buscava ampliar o estudo formal acerca da natureza funcional (IP e CP) e lexical (VP) da estrutura da oração e, paralelamente, estabelecer uma correspondência sistemática entre as características morfossintáticas e semânticas, de um lado, e as projeções funcionais – i.e., a estrutura sintática –, de outro (Benincà & Munaro, 2011, p. 3). Dessa forma, a despeito de os teóricos da cartografia sintática (Pollock, 1989; Cinque, 1999; Rizzi, 1997) desenvolverem seus trabalhos concomitantemente ao Programa Minimalista de Chomsky (1995), esses autores buscavam ampliar a arquitetura proposta por Chomsky¹ (1986). Por meio de exames interlinguísticos, os cartógrafos desenvolveram interessantes trabalhos com vistas a esmiuçar as categorias funcionais e gramaticais das estruturas dentro da Teoria de Princípios e Parâmetros.

Neste presente estudo, especificamente, objetivamos examinar: (i) o *status* sintático do predador verbal que propicia possivelmente a estrutura topicalizada, i.e., procuramos identificar um padrão entre os verbos das sentenças em que há tal estratégia sintática; e (ii) a animacidade do sintagma topicalizado, buscando controlar quantitativamente sua incidência em detrimento do constituinte [-animado].

Nesse âmbito, nossas hipóteses são de que os verbos biargumentais, i.e., aqueles que projetam dois argumentos, são mais propícios a essas estruturas e a de que o falante nativo, a partir do julgamento de aceitabilidade de frases, tende a aceitar mais SN/DP topicalizado [+animado]. Tal pressuposto irá se confirmar ou não a partir do teste de escolha induzida, fundamentado sob o bojo da Sintaxe Experimental (cf. Roeper; Maia, 2020; Corrêa, 2014).

Em relação à metodologia, fizemos um estudo experimental, uma vez que, com essa abordagem, pode-se tratar os dados disponíveis ao linguista de maneira objetiva, a partir de resultados públicos e mensuráveis que ensejam a

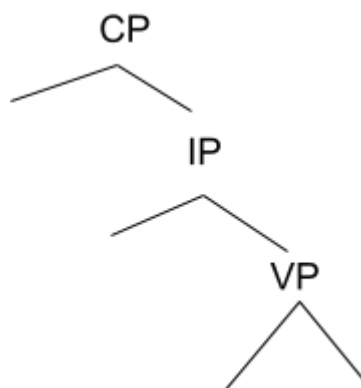
replicação e podem ser usados em favor de certas hipóteses cujas previsões são de alguma forma abonadas por experimentos bem elaborados e corretamente conduzidos (Kenedy, 2016, p. 190). Compreendemos, todavia, que tais *intuições* dos falantes à análise de sentenças são suscetíveis de variabilidade, no entanto, como defende Kenedy (2014), é necessário entender tal variação de maneira metodológica e estatisticamente apropriada.

Diante disso, dividimos o artigo em cinco seções: posteriormente à introdução, na segunda seção, trazemos a discussão sobre os limiares do Programa Cartográfico; na terceira seção, exibimos as propriedades da sintaxe do constituinte topicalizado; na quarta seção, apresentamos o desenho experimental, que fora feito por meio do teste de escolha induzida; nesta mesma seção, abordamos os resultados do teste experimental, explorando e analisando a aceitabilidade dos participantes em relação às frases contidas no experimento, além de discutir os resultados. Por fim, na última seção, retomamos os tópicos principais e intencionamos futuras pesquisas.

1 A ABORDAGEM CARTOGRÁFICA E SEUS FUNDAMENTOS

Na esteira de *Barriers* lançado por Chomsky (1986), há a incorporação das categorias funcionais à teoria X-barra. Nessa esfera, a arquitetura da oração teria a seguinte organização: um domínio lexical, encabeçado por um VP, e um domínio funcional – encabeçado por IP e CP, cujas informações de modo, tempo, aspecto – comumente conhecida por *Middlefield* – e informações internas e externas ao escopo da sentença estariam compiladas, respectivamente.

Figura 1: Estrutura de Chomsky (1986)



Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir das décadas de 80 e 90, o Programa Cartográfico (doravante PC) iniciou seu empreendimento. Dentro do panorama da literatura, apontam-se trabalhos de Abney (1987) que assumia, por intermédio de evidências empíricas, que a estrutura da expressão nominal era paralela à da oração, sendo sua arquitetura mais abundante. Nesta perspectiva, o DP seria a projeção mais protuberante do sintagma nominal,

e não mais o *NP*. Por sua vez, Pollock (1989) argumenta a favor da cisão de *IP*² em duas categorias: *AgrPe TP*, a primeira contém traços de pessoa, gênero, número e Caso; a segunda seria responsável por abrigar informações de tempo, modo e aspecto. Outrossim, Larson (1988), a fim de explicar o duplo objeto do inglês (sobretudo em relação ao c-comando assimétrico), sugere a divisão da estrutura *VP* em construções dativas. Por fim, Belletti³ (1990) inculca a projeção de *Aspatravés* de um estudo com línguas românicas, a fim de elucidar a subida verbal dos participípios.

Esses trabalhos, a despeito de abordarem aspectos distintos da estrutura da oração ou do sintagma nominal, objetivavam (i) exibir o desenho detalhado dos mapas da sequência funcional – ou *f-seq* – das mais diversas projeções estendidas (no sentido de Grimshaw (1991)), especialmente a do *V* e a do *N* (cf. Tescari; Quarezemin, 2024) e (ii) servir explicações aos mais diferentes fenômenos morfossintáticos ocorridos nas línguas naturais. Nesta lógica, os cartógrafos assumem que tais estruturas funcionais estejam codificadas na Gramática Universal (GU), rigorosamente ordenadas em projeções, estando presentes em todas as línguas, em consonância com o Princípio da Universalidade de Chomsky (2001). Ademais, esses estudiosos almejavam saber para que serviam os mapas estruturais adequados, as diferentes zonas da árvore sintática e que tipos de invariantes e variáveis propriedades dos mapas que poderíamos encontrar em várias línguas (Rizzi, 2004).

Dentre o panorama da Cartografia Sintática, assumem-se axiomas importantes que irão modelar tal programa de pesquisa que eclode em consonância com o Programa Minimalista, dentre os quais se destacam teoria da Antissimetria de Kayne (axioma da correspondência linear); *One feature, onehead* (“um traço, um núcleo”) (Kayne, 2005); Binary Branching (“ramo binário”) (Kayne, 1984); e o Princípio da Interpretação Plena (Chomsky, 1995).

Segundo a teoria antissimétrica kayneana, as ordenações lineares são “lidas” a partir das relações hierárquicas (Tescari Neto, 2022). Nesse âmbito, haveria uma correspondência entre ordenação linear e derivação sintática. Kayne, ao propor *One feature, onehead*, assume que existe somente um traço sintático interpretável por núcleo a ser checado por movimento (ALVES, 2022). Neste sentido há a previsão de mononuclearidade de um núcleo, sendo que há uma correspondência biunívoca entre o núcleo e o elemento lexical ou funcional correspondente. A proposição do *ramo binário* restringe a maneira como as sentenças são derivadas e representadas em diagramas arbóreos. Nessa perspectiva, um nó terminal pode dominar⁴ tão somente dois nós filhos. Por fim, o cumprimento do Princípio da Interpretação Plena é requisito para a boa formação sentencial; nesse âmbito, a expressão linguística é a junção de objetos fonéticos e semânticos.

Em relação ao experiente metodológico utilizado nas pesquisas da Cartografia Sintática, leva-se em conta o *One Feature One Head* (OFNH) de Kayne (2005) – que assume

que cada traço morfossintático corresponde a um núcleo na sintaxe. Esse procedimento permitiu estabelecer, por exemplo, a hierarquia da projeção estendida dos adjetivos (AP), elaborado por Scott (2002), uma vez que o autor verificou a agramaticalidade quando havia dois adjetivos de cor se referindo ao mesmo nome. Dessa forma, cada traço conceitual aparece tão somente uma vez na sintaxe. Além disso, tem-se também o teste de co-ocorrência (Tescari Neto, 2019), o qual é utilizado para verificar a existência de advérbios cujos traços são iguais, tal como de evidencialidade, e que resultam, conseqüentemente, na agramaticalidade. Dessa forma, infere-se que advérbios pertencentes à mesma categoria não podem ocorrer visto que ocupam o mesmo lugar na estrutura hierárquica. Nessa linha, a hierarquia dos sintagmas adverbiais (AdvPs) proposta por Cinque (1999) foi desenvolvida por meio desse expediente metodológico.

Nesta seção, esboçamos sucintamente a trajetória do Programa Cartográfico, bem como suas premissas e sua metodologia. Na próxima seção, apontaremos a proposta de Rizzi (1997) para a camada complementizadora (CP). Evidenciaremos também o comportamento sintático e pragmático-discursivo das sentenças do português brasileiro, sobretudo aquelas que são alvo de topicalização.

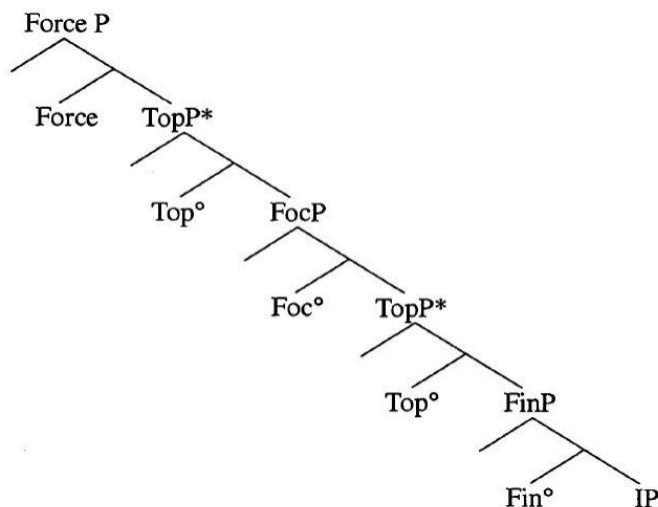
1.1 Sistema CP: expansão da camada complementizadora

O sintagma complementizador, na visão de Rizzi (1997), abriga muitos outros constituintes⁵, i.e, dentro de CP há vários núcleos. Tal postulação foi resultado de pesquisas que envolviam o complementizador e constituintes albergados na periferia esquerda do italiano (Rizzi; Roberts, 1989; Rizzi, 1991). Sendo um espaço estrutural onde a sentença se prepara para ser conectada com a superestrutura (Quarezemin, 2012), o sistema CP faz interface com o conteúdo proposto por IP e por uma oração matriz ou qualquer estrutura discursiva. A partir do refinamento da estrutura, Rizzi explode o CP em múltiplas categorias funcionais.

Como apontado acima, tal área está voltada tanto para informações relativas ao interior da sentença quanto exterior – abrigando sentenças matrizes ou de referência discursiva. Nessa linha, haveria para o autor dois subsistemas compondo CP: *ForceP-FinP* e *TopP-FocP*. O primeiro subsistema codifica a força ilocucionária da sentença e a finitude verbal. O segundo suscita os sintagmas topicalizados – que são recursivos – e os focalizados. O CP, por assim, é um rótulo mnemônico para várias categorias.

Em consonância com as postulações de Larson (1988) para *VP* e Pollock para *IP* (1989), Rizzi analisa e insere vários constituintes no sistema CP. O autor assume a seguinte estrutura para o sistema CP (figura 2)

A zona mais alta da estrutura alberga o núcleo que apresenta a força ilocucionária da oração (*ForceP*), i.e, exibe o *status* da oração, se o é declarativo, interrogativo, exclamativo, etc., e a zona mais baixa da estrutura aloja o núcleo que apresenta especificações do sistema flexional – se tal flexão é

Figura 2: Constituintes funcionais do sistema CP

Fonte: Adaptado de Rizzi (1997).

finita ou infinita, representado por *FinP*⁶. “Ensanduichados” pelos núcleos *ForceP* e *FinP*, encontram-se os núcleos *Foc* (Foco) e *Top* (Tópico), os quais projetam estruturas que serão constituintes topicalizados e focalizados na estrutura sentencial. No que tange à articulação *Foco-Pressuposição*, o foco ocupa a posição de especificador de *FocP*, à proporção que a pressuposição ocupa a posição de complemento. Em se tratando da relação *Tópico-Comentário*, o tópico ocupa a posição de especificador, enquanto o comentário preenche a posição específica de complemento.

Pelo fato de as estruturas *FinP* e *ForceP* serem estruturas que ocorrem por necessidade do núcleo (QUAREZEMIN, 2012), vemos uma relação de dependência – sobretudo em sentenças com matriz finita. Podemos observar a relação do primeiro subsistema em (4a) e (4b), em que é possível observar as discrepâncias no que concerne à gramaticalidade. Enquanto em (4a) a sentença é gramatical, em (4b) é agramatical. O que acontece é que o verbo *desejar* seleciona um CP cujo núcleo é o complementizador *que*, condição que é atendida em (4a), e não em (4b), onde se revela um *ForceP* interrogativo – traço que não é compatível com predicado supracitado.

(4a) [[As famílias desejam [_{CP} que [_{IP} vocês sejam felizes]]].

(4b) *[[As famílias desejam [_{CP} onde [_{IP} vocês sejam felizes]]].

Em relação à *Finitude*⁷ (Finiteness), em (5a), (5b) e (5c), observamos que em (5a) a frase é gramatical devido ao fato de que sendo o verbo de matriz finita, o *ForceP* que lhe atende é declarativo, ao passo que em (5b) e (5c) tais estruturas são, respectivamente, interrogativa e imperativa, o que requer um verbo infinitivo. Nesse sentido, o IP que engendra a oração subordinada deverá ser subcategorizado

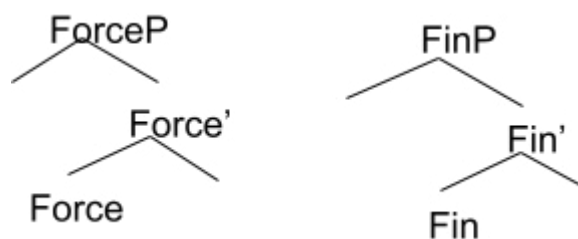
por uma estrutura coincidente aos traços dos verbos que o subjaz. Mioto (2001) chega à conclusão de que um *ForceP* declarativo não licencia nunca um *FinP* infinitivo; tal comprovação está elucidada abaixo.

(5a) As meninas pediram um lanche à tarde.

(5a) *Quer pediram um lanche? (Quer pedir um lanche?)

(5b) *Aviso: Não pediram lanche aqui. (Aviso: Não pedir lanche aqui)

Consoante à Guesser (2022), *Força* e *Finitude* da sentença são concebidas como informações primárias universalmente expressas pelo sintagma complementizador, a despeito do fato de que suas realizações morfológicas possam ser modificadas a depender da língua. Nessa linha, tanto *Força* quanto *Finitude* reverberam suas próprias projeções sintáticas na teoria X-barra, conforme analisamos abaixo.

Figura 3: Projeções sintáticas dos subsistemas de CP

Fonte: Adaptado de Rizzi (1997).

De acordo com Kato (2004), o português seria uma língua orientada pelo discurso. Na visão da autora, portanto, haveria uma diversificação das construções de tópico, sendo quaisquer constituintes passíveis de se mover para o início da estrutura oracional. A fim de observarmos que tal fenômeno não está presente somente no português e que as estruturas acima promovem informações seletivas, analisemos as estruturas exemplificadas por Rizzi (1997, p. 286):

(5) Il tuo libro, l'ho letto. (O seu livro, eu o li)

(6) Ce livre, j'en ai lu⁸. (Esse livro, eu o li)

Nessa perspectiva, temos *o seu livro* como tópico, conteúdo compartilhado entre os os presentes da atividade discursiva, e seu comentário *eu o li*, uma informação referente ao tópico. Cinque (1999) nomeia tais estruturas de *Clitic Left Dislocation* (CLLD), uma vez que em tais estruturas há a presença de um clítico resumptivo. Em italiano tal construção é corriqueira, diferentemente do PB, visto que tal pronome caiu em desuso, na medida em que comumente o falante nativo de português brasileiro se utiliza do pronome pessoal *ele* com fins anafóricos. Na verdade, no português brasileiro ou se retoma o tópico por meio de um pronome tônico ou simplesmente oculta-o, consolidando uma categoria vazia.

Na esteira de Rizzi (2004), para a abordagem cartográfica, assume-se que a cama de CP é uma zona complexa formada por uma sequência de núcleos funcionais (Top, Foc, Q, Rel, Excl, ...) que têm função dupla: (i) na sintaxe, efetua-se movimento, atraindo para o seu especificador um constituinte dotado com traços compatíveis. Neste caso, um núcleo Foc, por exemplo, atrairá um sintagma dotado com um traço +Foc; (ii) nos componentes de interface com som e sentido, os núcleos criteriais disparam procedimentos interpretativos para uma atribuição adequada das propriedades discursivas e de escopo em LF, e para gerar um contorno entoacional apropriado em PF.

Em relação à segunda função, ainda que se leve em consideração a capacidade heurística da Cartografia Sintática, uma vez que se propõe desde seus limiares a generalizações interlinguística por meio da identificação de invariantes e variáveis propriedades dos diferentes mapas encontrados em diversas línguas, Rizzi salienta que é importante também explicar o motivo pelo qual se encontram propriedades invariantes observadas no mapa, além de ser necessário identificar a parametrização apropriada para capturar a variação interlinguística.

Nesse sentido, assumimos que todas as línguas envolvem um sistema de núcleos criteriais, e o que varia, portanto, é a sua realização morfológica, um parâmetro de baixo nível, como podemos observar em inglês, em que não há pronúncia nem do tópico nem do foco. Isso se explica devido à existência de muitas línguas cujos núcleos criteriais serem abertamente realizado, como, por exemplo, línguas tópico e marcadores de foco, como a língua africana Gungbe (cf. Aboh, 2004), conforme observamos em (8).

- (7) a. This book **Top** you should read _ tomorrow
b. this book **Foc** you should read _, not Bill's book

- (8) a. Un sè[do [danloyá[Kofi hu í]]]
'I heard that snake the **Top** Kofi killed it'
'I think that, as for this book, you should read it tomorrow.'

- (8) b. Un sè[do[danlowè [Kofi hu _]]]
'I heard that snake the **Foc** Kofi killed'
'I think that this book you should read not the one by Suru.' (Gungbe, Aboh, 2004)

Nos exemplos acima, observamos que os núcleos criteriais formam uma arquitetura coincidente à da oração Spec> núcleo > complemento. Nesse âmbito, o *mainstream* da arquitetura do elemento deslocado para a esquerda da sentença – sobretudo o elemento nuclear – vai revelar seu design interpretativo, se esse o é *tópico-comentário* ou *foco-suposição*. Nessa lógica, nas linhas de Tescari Neto e Quarezemin (2024), o papel dos componentes de interfaces é interpretar (em LF) e atribuir o contorno prosódico da sentença. A abordagem criterial, nesse sentido, serviria para uma proposta de “sintatização” das propriedades semânticas, pragmáticas e prosódicas.

Por fim, enriquecendo tal camada, Rizzi também possibilita não só eliminar a adjunção à esquerda – na sintaxe visível –, como bem explicar de anti-adjacência a (*that-t effect* e *I-to-C movement*) que se observa em línguas como o francês e inglês (cf. Mioto, 2001).

Na próxima seção, verificaremos as propriedades sintáticas e semânticas dos sintagmas topicalizados do PB, além de sua manifestação.

2. O sintagma topicalizado

Desde o trabalho seminal de Rizzi (1997, 2004), a estrutura funcional do CP recebeu uma análise refinada e articulada. Tal estrutura passou a ter a seguinte configuração:

[Force (Top*) Int (Top*) Foc (Top*) Fin IP]

Tsai (2022) pontua que, no entanto, a distribuição dos tópicos descritos acima é ao mesmo tempo demasiadamente simples e complicado; simples porque não diz nada sobre o arranjo hierárquico dos diferentes tipos de tópicos entre línguas; complicado porque parece haver algumas variações linguísticas que exigem para ajuste adicional da estrutura acima. Trabalhos de Badan & Del Gobbo (2011) sinalizam que tipos distintos de tópicos chineses ocupam tipos de posições distintas.

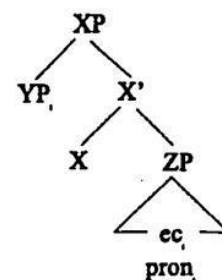
A despeito dessas particularidades, a partir das sentenças em (4) e (5), floresceu a necessidade de examinar os sintagmas topicalizados por um viés formalista.

- (4) [As tuas filhas], você terá de registrar.

- (5) [Às crianças carentes], a ONG doou vários donativos.

De acordo com a abordagem cartográfica (Rizzi, 1997; Cinque e Rizzi, 2010), os sintagmas topicalizados em (4) e (5) consistem de especificadores antepostos em posição A-barras, marcado por uma entonação especial, seguido de uma sentença que contém uma posição aberta vazia ou preenchida por um elemento pronominal (Mioto, 2004). No que concerne à topicalização, o núcleo funcional coteja a articulação *tópico-comentário*. Os sistemas tópico e foco estão presentes apenas nas estruturas que apresentam constituintes portando traços de foco e tópico. Tal figura abaixo captura essa relação:

Figura 4: Subsistemas de CP [Teoria X-barra]



Fonte: Mioto (2001)

Para Quarezemin (2019), o tópico normalmente é definido como o constituinte que veicula informação compartilhada pelos interlocutores de uma determinada situação discursiva. Nessa linha, a topicalização é um mecanismo formal para marcar um tipo especial de relacionamento sujeito-predicado, a saber, a relação predicativa entre um tópico e seu comentário. Exemplificando a estrutura (4) na hierarquia, temos YP como tópico [As tuas filhas] e ZP como o comentário [você terá de registrar], sendo a informação velha albergada no Spec de YP. Em relação às tais estruturas, YP e ZP evidenciam uma conexão de *Spec-núcleo*.

O sintagma topicalizado, diferentemente do focalizado, é recursivo, podendo ocorrer mais de uma vez na estrutura sentencial. O foco, por estar numa cadeia de relação *foco-suposição*, e sua segunda ocorrência estar numa posição mais alta da estrutura, isso não lhe é permitido, na medida em que seu complemento seria outro elemento focalizado⁹, havendo uma informação não pressuposta.

Enquanto na articulação tópico-comentário há uma relação de informação velha e nova, respectivamente; na articulação foco-suposição há o oposto, primeiro a informação nova seguida da velha. Vejamos.

(7) Sua mochila, você deveria dar t para João (não para Maria).

(8) SUA MOCHILA você deveria dar t para João (não a mim).

Com objetivo de marcar a diferença sintaticamente, Rizzi acentua a possibilidade de testar ambas as estruturas por meio do elemento WH-. Nessa linha, ao passo que o elemento WH- é compatível com o tópico na sequência TOP - WH-, é agramatical para foco, seja na ordem FOC-WH, seja WH-FOC. Isso se deve ao fato de que tanto o elemento WH- quanto o foco ocuparem o mesmo lugar na estrutura hierárquica.

(10) A Gianni, che cosa glihaidetto? (Ao João, o que você lhe disse?)

(11) *Che cosa, a Gianni, glihai detto? (O que, ao João, você lhe disse?)

Nas estruturas de tópico acima (10) e (11), verificamos a agramaticalidade somente quando a construção topicalizada está posposta ao elemento WH-. Em (12) e (13), construções com a relação foco-suposição, mantém a agramaticalidade em qualquer ordem.

(12) *A Gianni che cosa haidetto (non a Piero)? Piero? (O que você disse ao João – mas não ao Pedro?)

(13) *Che cosa a Gianni haidetto (non a Piero)? (O que você disse a João – mas não ao Pedro?)

Também observamos que no português brasileiro tem a possibilidade de extrair o complemento do nome

para a posição de tópico e ainda a possibilidade de fazer essa extração recursivamente. Com dados de Kato¹⁰ (2006) observamos tal fenômeno, o que difere de línguas como inglês e francês.

a. Furo o pneu do carro da Maria.

b. O carro da Maria furo o pneu.

b. O carro da Maria, o pneu furo.

b. A Maria, o carro furo o pneu.

c. A Maria, o carro, o pneu furo.

(KATO, 2006, p. 14)

De acordo com Rizzi, a relação *tópico-comentário*, atende ao critério *Top*:

i) um tópico deve estar em configuração *Spec/núcleo* com um núcleo *Top* marcado pelo traço [+Top];

ii) um núcleo *Top* marcado pelo traço [+Top] deve estar em configuração *Spec/núcleo* com um tópico.

O núcleo funcional *X* impõe restrições no que se refere ao tipo de constituinte em que pode figurar seu especificador. De acordo com Rizzi (1997), não há possibilidade¹¹ de topicalizar expressões quantificadas na sentença, conforme podemos observar em (6) e (7). Quarezemin (2017) assinala que tanto no italiano quanto no espanhol quantificador também não podem ser produzidos em posição de tópico, como se verifica em (8) e (9).

(6) *Muitos, João queria comprar bolos.

(7) *Tudo isso, Maria comprou na feira.

(8) * Nessuno, Gianni loha visto.

(9) *A nadie Juan loha visto

Em relação à semântica, podemos observar que os SN/DP topicalizados tendem a ser [+definido], ao contrário do sujeito argumental, que possui uma grande flexibilidade quanto à semântica do sintagma que o encabeça. Em (8) temos uma sentença gramatical e aceitável no português brasileiro, ao contrário de (9), que está desviado do esperado para as construções topicalizadas, i.e, talvez não seja muito bem aceita pelos falantes nativos, a despeito de sua total gramaticalidade.

(8) Aquele livro, eu li ontem.

(9) *Um livro, eu li ontem.

Rizzi pontua que para haver aceitabilidade dessas estruturas [-definida], deve-se dispor de um contexto restrito. Em (10), de acordo Quarezemin (2017), teríamos que prosseguir com a seguinte leitura: de um conjunto de coisas possíveis de serem feitas para o estudo de uma prova (ler um livro, um artigo, um resumo...), tiramos uma parte; nesse caso, a parte extraída é [um livro].

(10) Un libro, l' holetto. (Um livro, eu o li)

A seguir, apresentaremos a arquitetura do experimental realizado. Utilizamos, para tanto, a *sintaxe experimental* (cf. Cowart, 1997; Sprouse, 2007; Kenedy, 2007), uma metodologia experimental para o teste de hipóteses relativas ao conhecimento intuitivo do falante/ouvinte acerca de sua língua materna, o que inclui restrições universais à forma das gramáticas das línguas humanas (cf. Sprouse & Hornstein, 2014).

3 Experimento linguístico

Considerando que a sintaxe experimental pode promover novas possibilidades de análise nos estudos formais da linguagem, nosso objetivo com esse experimento é verificar a grade argumental do predador que enseja tais construções topicalizados, i.e, desejamos mapear quais verbos – e, consequentemente, sua transitividade – são mais propícios a tais estruturas. Além disso, aspiramos a esquematizar a semântica do SN/DP topicalizado, de forma que consigamos controlar quantitativamente o traço do sintagma topicalizado, se [+animado] ou [-animado].

3.1 Procedimentos metodológicos: A tarefa de escolha induzida

Utilizamos, para tanto, da tarefa de escolha induzida – conhecida como *forced-choice task* para fim experimental. Neste âmbito, são apresentados dois ou mais estímulos linguísticos (palavras, sintagmas ou sentenças) aos participantes e eles devem escolher aquele que julgam ser o mais aceitável, mais natural ou mais próximo do que eles acreditam que usariam (Araújo e Oliveira, 2021). Tal teste, como apontam Schütze e Sprouse (2013, p. 31-32) serve “para comparar qualitativamente duas ou mais condições e responder diretamente à questão qualitativa: existe alguma diferença entre essas condições?”.

3.1.1 Desenho experimental

Tomando o desenho experimental 2x2, com a finalidade de mapear a aceitabilidade do falantes em relação às frases a que estavam expostos, controlamos duas variáveis independentes: a primeira refere-se ao *tipo de predador verbal* (biargumental ou bitransitivo) e a segunda, à animacidade do SN/DP topicalizado, sendo [+animado] ou [-animado]. Dessa maneira, a variável dependente seria a escolha dos participantes expostos às estruturas topicalizadas.

3.1.2 Exemplo de condição experimental

Havia, para o participante analisarem, quatro condições experimentais: (i) SN/DP topicalizado [+animado] + verbo biargumental; (ii) SN/DP [-animado] + verbo biargumental; (iii) SN/DP topicalizado [+animado] + verbo ditransitivo; (iv) SN/DP topicalizado [-animado] + verbo ditransitivo. Em (11) e (12), apresentam-se dois pares de exemplos aplicados no experimento.

- (11) a. [Fatos inusitados] os amigos *contaram* ao porteiro.
b. [Para os pobres] o grupo espírita *doou* seus bens.
- (12) a. [À mãe de Emanuel] eu *agradei*.
b. [As cópias do livro] eu *levarei* amanhã.

3.1.3 Previsões e hipóteses

Diversos estudos (cf. Pontes, 1987; Negrão, 1990; Kato, 1989, 2006) apontam que o PB é uma língua orientada para o discurso. Isso se dá devido à defesa de que os autores fazem que determinadas construções corriqueiras no PB são utilizadas exclusivamente por línguas de tópico proeminente. Além disso, nossa hipótese se baseia na assunção de Quarezemin (2019), a qual fez um amplo estudo reunindo evidências semânticas, sintáticas e prosódicas para o redobro do sujeito [+animado] e [-animado]. Nessa circunstância, adotamos a hipótese de que os SN/DP [+animado] seriam mais aceitos pelos participantes por reconhecerem seu vernáculo na construção. A segunda hipótese pressupõe que os verbos biargumentais são mais aceitos pelos falantes nativos. Essa hipótese deriva do estudo de Brum e Rocha (2017), que constatou que SV com verbos [+agentivo] desencadeavam mais verbos de dois lugares, i.e, de dois argumentos.

Em seguida, apresentamos os participantes atuantes no processo experimental.

3.1.4 Participantes

50 alunos ou ex-alunos de graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (*campus do Fundão*) participaram do teste de escolha induzida. Aqueles formados, tinham licenciatura em diversas áreas ou eram bacharéis. Com idade desconhecida – uma vez que não manipulamos esta condição –, todos residentes ou ex-residentes do Estado do Rio de Janeiro (RJ). Além de terem sido convidados a participar de maneira voluntária, todos tiveram seus dados preservados (a não ser a requisição do e-mail, condição obrigatória do experimento, a ser disponibilizado em *link* do *Google Forms*). No entanto, não tínhamos acesso às respostas individuais de cada participante.

3.1.5 Materiais

O experimento foi formado por 15 frases experimentais. Dividas em 5 blocos (cada qual contendo 4 frases), foi possível que o participante as analisasse com uniformidade de condição do experimento. Além dessas 15 sentenças experimentais, também inserimos 5 frases distratoras, cujo objetivo, consoante à Kenedy (2014, p. 175), é “de distrair a atenção do sujeito, de modo a evitar a tomada de consciência das estruturas sob teste.” Em cada sentença, utilizou-se de um verbo diferente, ora ditransitivo de três lugares, ora biargumental.

As frases experimentais foram depositadas no *GoogleForms*, um aplicativo que, dentre outras funções, também possui a incumbência de criar formulários. O participante tinha de clicar no link recebido e, posteriormente, inserir seu e-mail. Após isso, o sujeito-participante lia a seguinte sentença antes de assinalar a estrutura “Qual das frases abaixo você diria?”, conforme observamos na imagem abaixo. Posteriormente, tinha de assinalar uma das sentenças abaixo.

Figura 5: Sentenças utilizadas no experimento

Qual das frases abaixo você diria?

☐ O computador a Márcia vai entregar ao Paulo para consertar.

☐ As atividades as mães pegaram semana passada.

☐ Com os convidados o Mateus bebeu.

☐ Às crianças do orfanato o empresário doou 2 kg de chocolate.

Fonte: *Google Forms*.

3.1.6 Procedimento

Os sujeitos receberam instruções de como prosseguir no experimento no próprio formulário do *GoogleForms*. Considerando que todos os participantes fizeram todo o experimento remotamente, por intermédio da tecnologia, compreendemos também os desafios, que podem ter impactado nos resultados finais do experimento, bem como as limitações metodológicas. Acerca disso, há fatores

extralinguísticos que podem ter influenciado as respostas do candidato, como barulhos externos do ambiente em que estava inserido, cansaço ou pressa para finalizar o teste. Não houve sessão de treinamento preliminar para participar do experimento.

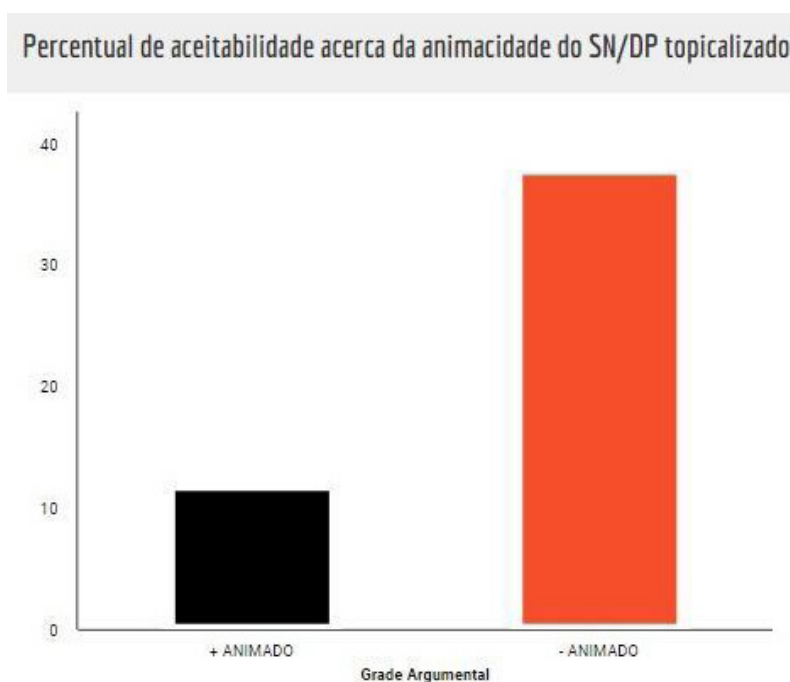
4 Análise e Discussão de Resultados

Teste Experimental I – Animacidade do SN/DP topicalizado

A partir das respostas acolhidas pelo formulário do *Google Forms*, reunimos as informações e, posteriormente, elencamos no programa *Vennngage*, a fim de exibir o gráfico abaixo. Em primeiro âmbito, demonstramos o resultado acerca da variável independente animacidade do SN/DP topicalizado.

Em relação à aceitabilidade dos participantes no que tange à animacidade do SN/DP topicalizado, o experimento evidenciou que o sintagma [+ animado] foi pouco aceito pelos sujeitos, revelando tão somente 24% do total (no total de 50 participantes, 12 escolheram sintagmas [+ animado]). Em contrapartida, o sintagma [-animado] demonstrou uma alta aceitabilidade entre os participantes, totalizando 76% de escolha (dentre os 50 sujeitos, 38 escolheram esse SN/DP). Como podemos perceber, tal resultado vai de encontro a nossa previsão, a qual julgava que os indivíduos escolheriam quantitativamente mais os SN/DP topicalizados [+animado]. O paralelismo entre as variáveis independentes foi analisada utilizando o teste *Qui-Quadrado*, com um nível de significância de 5%. Os resultados indicaram a existência de discrepância entre as variáveis [+ animado] e [- animado] (Pearson, $\chi^2 = 5,23$; $p < 0,05$).

Figura 6: Gráfico de percentual da variável animacidade de SN/DP



Fonte: *Vennngage*

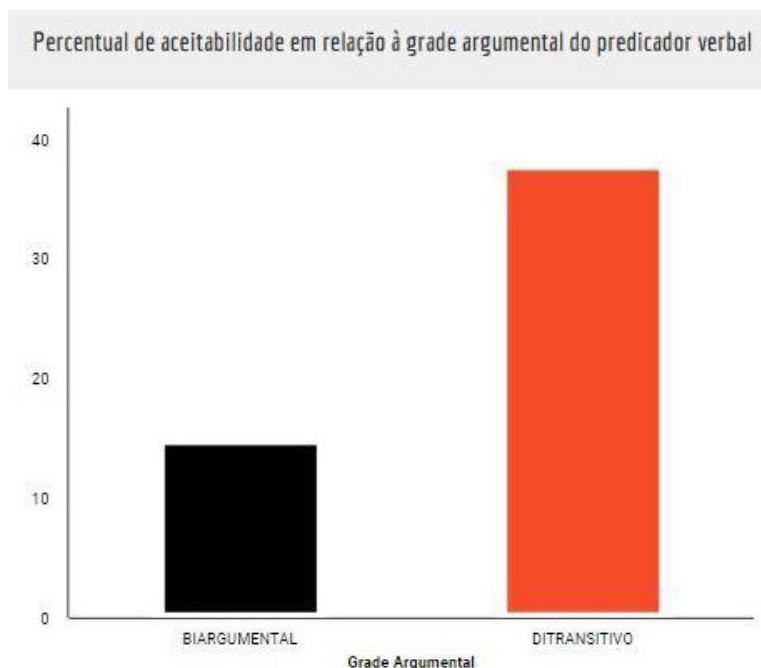
Teste experimental II – Grade Argumental

Quando analisamos a grade argumental dos predadores verbais que foi mais aceita pelos participantes, identificamos que os verbos biargumentais foram menos aceitos em detrimento dos ditransitivos. Analisemos o gráfico abaixo, igualmente feito pelo programa *Vennngage*.

A parca escolha dos participantes pelas estruturas topicalizadas com a valência verbal¹² biargumental revela pouca aceitabilidade de tal grade argumental, que representa somente 30 % das escolhas (no total de 50 participantes, 15 escolheram tal estrutura sintática). Com os verbos ditransitivos, houve uma maior aceitabilidade, evidenciando 70% dos candidatos, i.e, 35 preferiram tal predador. Levando tais dados ao teste *Qui-quadrado*, identificamos que houve igualmente uma expressiva diferença, na medida em que Pearson revelou $\chi^2 = 0,15$; $p < 0,05$. Contrariando nossa perspectiva, que estava pautada na premissa de que os

verbos biargumentais iriam ter mais incidência de escolha na medida em que há menos argumento – e, portanto, sobrecarregaria sintaticamente menos o processamento linguístico (cf. MAIA, 2003), pensamos que deva haver outra variante condicionante para tal escolha de aceitabilidade. Também pensamos que a pouca utilização de determinado verbo pelo falante nativo pode ter sido levada em consideração, interferindo demasiadamente na decisão de aceitabilidade, i.e, procuramos aceitar aquilo que mais produzimos. Nesse âmbito, talvez em estudos futuros, possamos procurar investigar o motivo pelo qual a estrutura topicalizada [-animado] e predador intransitivo de três lugares foi mais aceita. Será que existe uma determinada condicionante semântica que restringe o número de argumentos de determinados verbos? Nessa perspectiva, teríamos de fazer uma análise sintático-semântica das construções topicalizadas (Vale, 2001; Baptista, 2019).

Figura 7: Gráfico percentual da variável grade argumental



Fonte: *Vennngage*

4.1 Discussão geral dos resultados

Nossas hipóteses foram solapadas na medida que os participantes aceitaram mais sintagmas com traço [-animado]. Esse resultado vai ao encontro do estudo de Chafe (1979), na medida em que o SN *sujeito gramatical* se correlaciona com agente com a especificação semântica de algo ou alguém que pode fazer alguma coisa com uma força própria. Como o processo de topicalização se difere do *sujeito sentencial*, não haveria a necessidade de um sintagma [+animado], justamente por não haver a necessidade de um Top ser uma entidade [+humana].

Apesar de não investigarmos uma correlação entre animacidade e grade argumental, parece haver uma associação. Nessa linha, coadunando os dois testes experimentais, observamos que tanto o verbo ditransitivo quanto o traço [-animado] foram escolhidos com número significativo entre os participantes. Desse modo, haveria uma conexão entre o verbo ditransitivo de três lugares com o traço [-animado]? Além disso, haveria uma organização hierárquica de natureza pragmática-discursiva com a grade argumental? Estudos futuros poderão analisar tais postulados, sendo possível confirmar ou rechaçar tal vinculação.

Além disso, também pontuamos o público-alvo desse teste. Todos os participantes são ou já foram estudantes da Faculdade de Letras, o que possibilita uma maior aproximação com o objeto da pesquisa – topicalização. Nesse sentido, levantamos outra possibilidade: os estudantes de Letras, uma vez conscientes da noção de grade argumental, não teriam mais consciência do argumento requerido pelo verbo e, posteriormente, isso incidiria em suas escolhas sentenciais no experimento? Isso é, queremos aventar a possibilidade do aluno de Letras, por ter conhecimento do deslocamento dos sintagmas à esquerda da sentença, escolher verbos com mais de dois argumentos. Uma pessoa somente com formação do Ensino Médio, aceitaria com mais recorrência tal predicator? Mais uma vez, os estudos futuros poderão propor desdobramento de tais análises.

Considerações Finais

Este estudo buscou mapear, por meio metodologia da *Sintaxe Experimental*, não só a aceitabilidade dos falantes nativos do PB em relação às estruturas topicalizadas [+animado] e [-animado], bem como a grade argumental das sentenças alvo de topicalização. Analisamos tais sentenças a partir do empreendimento da Cartografia Sintática, a qual busca o desenho minucioso das hierarquias funcionais a fim de vislumbrar propriedades morfossintáticas de diferentes línguas. Realçando a periferia esquerda da sentença – local em que constituintes topicalizados e focalizados se apresentam –, procuramos apresentar as propriedades específicas de cada constituinte de CP, exibindo seu caráter semântico-pragmático.

A hipótese inicial, tal como aventada anteriormente, pressupunha que os sintagmas [+animado] seriam quantitativamente mais aceitos pelos falantes e que os verbos biargumentais seriam mais prototípicos para tal estrutura sintática. O resultado do experimento não foi coincidente à predição alavancada pelos autores, visto que os falantes julgaram mais aceitáveis sentenças com verbos ditransitivos com três argumentos e sintagmas topicalizados [-animado].

Em relação ao resultado do experimento, por ter sido aplicado pela *internet*, de maneira *remota*, advertimos os aspectos extralinguísticos que podem ter interferido no teste de aceitabilidade do falante. Fatores como falta de atenção, adesão à norma-culta na escolha das sentenças, direcionamento de dúvidas para terceiros a fim de verificar a que frase um determinado sujeito marcaria pode ter ocorrido e, conseqüentemente, modificação e/ou influência na resposta do partícipe são intercorrências que pode ter havido. Essas limitações, inerentes à própria metodologia adotada, poderá ser atenuada perfilando o procedimento metodológico em futura pesquisa, em que haja mais contato direto com os participantes.

Teoricamente, este estudo específico favorece e enseja o exame das propriedades semântico-sintáticas dos constituintes albergados na camada de CP. Além disso, potencializa

o desenvolvimento de estudos cartográficos nessa vertente, que pode oferecer interessantes trabalhos, sob o escopo da Gramática Gerativa, que possibilite identificar e contrastar as diferenças tanto semânticas quanto sintáticas do PB para com outras línguas, como o português europeu. Nesse âmbito, tal trabalho relaciona-se a uma série de trabalhos precursores da Cartografia Sintática que almejam chegar à ordem explanatória. Isso se faz evidenciando fenômenos gramaticais observáveis de qualquer língua e explicando as propriedades subjacentes à língua.

Notas

¹A partir do estudo elaborado por Szabolcsi (1987) já se tinha a pretensão de ampliar a estrutura do sintagma determinante.

²Chomsky (1993) segmenta a concordância em dois núcleos, respectivamente de sujeito e de objeto, *AGRs* e *AGRo*. Importante dizer que a solução de Chomsky (1993) é uma maneira de conciliar as propostas de Pollock (1989) e Belletti (1990) em relação ao lugar de AgrP na arquitetura oracional.

³Belletti (1990) segue o Princípio do Espelho de Baker (1985), segundo o qual a respectiva ordem de afixos flexionais em uma palavra morfologicamente complexa reflete a derivação sintática dessa palavra, i.e, a ordem dos afixos é uma consequência direta da sintaxe.

⁴Tal axioma permite eliminar os efeitos de ambigüização em determinadas estruturas sintáticas.

⁵Essa estrutura foi estudada por Browning (1996), explicitando mais constituintes de recursão de CP. Ao contrário da proposta de Rizzi (1997), essas camadas não continham valor semântico/pragmático.

⁶A escolha do tipo de complementizador refletirá na caracterização da finitude do sistema flexional. De acordo com Miotto (2011), a categoria ForceP está equipada para conectar o sistema CP com o núcleo que a subcategoriza. Dessa maneira, o verbo *perguntar*, por exemplo, subcategoriza um ForceP interrogativo.

⁷Guesser (2021) pontua que a concepção de Finitude está ligada ao fato de que em determinadas línguas o complementizador refletir morfologicamente propriedades de finitude do sistema verbal.

⁸Na linha de Belletti e Shlonsky (1995), o constituinte mais à direita tende a carregar a ênfase da frase.

⁹Além disso, observamos uma relação estreita entre sintaxe e interpretação semântica (LF) e sintaxe e interpretação fonológica (PF) vide as diferentes entonações que os constituintes topicalizados e focalizados podem receber.

¹⁰Neste trabalho, Kato (1989) mostra diversas propriedades das estruturas topicalizadas que evidenciam e corroboram a defesa de que o PB é uma língua orientada pelo discurso. Para tanto, a autora apresenta algumas características simi-

lares às de línguas de proeminência de tópico, asiáticas, como o chinês e o japonês.

¹¹Mioto (2011) adverte a importância de se fazer tal análise pautada numa relação de Spec-núcleo, visto que, numa perspectiva que levasse em conta a adjunção, não seria possível explicar a restrição do núcleo X em alocar elementos quantificados.

¹²Refere-se à quantidade de argumentos projetados pelo predador, que são representados pelas funções sintáticas que se realizam segundo regras morfossintáticas.

REFERÊNCIAS

ABOH, Enoch O. The morphosyntax of complement-head sequences. Oxford: Oxford University Press, 2004.

ABNEY, Steven Paul. The English Noun Phrase in its Sentential Aspect. 1987. 363f, (Tese de Doutorado) – Massachusetts Institute of Technology, MIT, Boston.

ALVES, Matheus Gomes. A representação mental da imperfetividade em inglês: uma análise cartográfica. 2022. 135f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFRJ, Rio de Janeiro.

ALVES, Matheus Gomes; MARTINS, Adriana Leitão. Remarks on Progressivity and Imperfectivity. *Cadernos do IL*, v. 65, 2023, p. 273-295. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoi/article/view/129489>. Acesso em: 26 maio 2024.

BADAN, L; GOBBO, D. On the Syntax of Topic and Focus in Chinese. In (a cura di) Benincà Paola e Munaro Nicola, Mapping the Left Periphery: The Cartography of Syntactic Structures Vol. 5, 63-90. New York: Oxford University Press, 2011.

BAPTISTA, J. Construções simétricas: argumentos e complementos. In: Estudos de Homenagem a Mário Vilela. Porto: Campo das Letras, 2005. p. 353-367. Disponível em: . Acesso em: maio 2019.

BELLETTI, Adriana. Generalized Verb Movement. Torino: Rosenberg & Sellier, 1990.

BELLETTI, Adriana. Aspects of the low IP area, ms, Università di Siena, 2001.

BELLETTI, Adriana. Aspects of the low IP area. In: RIZZI, Luigi. (org.). The Structure of CP and IP: The Cartography of Syntactic Structures. New York: Oxford University Press, 2004, p. 16-51.

BELLETTI, Adriana. Structures and Strategies. London: Routledge Leading Linguists, 2010.

BELLETTI, Adriana; RIZZI, Luigi. Psych verbs and theta-theory. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 6, n. 3, p. 291-352,

1988. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4047649>. Acesso em: 31 maio 2024.

BELLETTI, Adriana; SHLONSKY, Ur. The order of verbal complements: A comparative study. *Natural Language&LinguisticTheory*, 13, p. 489-526, 1995.

BENINCÀ, Paola. Un'ipotesisulla Sintassidelle Lingue Romanze Medievali. *Quaderni Patavinidi Linguistica*, n. 4, p. 3-19, 1984.

CHAFE, Wallace L. Significado e estrutura linguística. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

CHOMSKY, Noam. Barriers. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1986.

Chomsky, Noam. The minimalist program. MIT Press, Cambridge, Mass, 1995.

CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. (org.). Ken Hale. A Life in Language. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2001, p. 1-52.

CINQUE, Guglielmo. Adverbs and Functional Heads: a cross-linguistic perspective. New York: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, Guglielmo. Issues in adverbial syntax. *Lingua*, v. 114, p. 683-710, 2004.

CINQUE, Guglielmo. Restructuring and Functional Heads: The Cartography of Syntactic Structures. v. 4. New York: Oxford University Press, 2006.

CINQUE, Guglielmo; RIZZI, Luigi. The Cartography of Syntactic Structures. In: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko. (org.). The Oxford Handbook of Linguistic Analysis. New York: Oxford University Press, 2010, p. 51-65.

CORRÊA, L. M. S. Relação sintaxe experimental - psicolinguística experimental para além da metodologia. *Revista da ABRALIN, [S. l.]*, v. 13, n. 2, 2014. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1186>. Acessoem: 04 julho 2024.

COWARD, W. 1997. Experimental syntax: applying objective methods to sentence judgments. London: Sage Publications.

GRIMSHAW, Jane. 1991. Extended Projection. Ms, Brandeis University, Waltham, MA.

GUESSER, S.; RECH, Núbia Ferreira. (org.). Gramática e Aquisição: propostas para o professor da Educação Básica / Organizadoras: Simone Guesser e Núbia Ferreira Rech. 1. ed.– Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

GUESSER, Simone; QUAREZEMIN, Sandra. Focalização, cartografia e sentenças clivadas do português brasileiro. *Revista Linguística*, v. 9, n. 1, p. 188-208, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4572> . Acesso em 26 maio 2024.

- KATO, M. O Português Brasileiro: uma língua de movimento - wh opcional?. In: QUAREZEMIN, Sandra; TESCARI NETO, Aquiles (orgs.). A sintaxe do português brasileiro em perspectiva cartográfica. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 73-90.
- KATO, M. Comparando o português da américa com o português de Portugal e com outras línguas. Museu da língua Portuguesa. Disponível em: http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php?id_coluna=13, 2006.
- KATO, M. recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. in. Roberts, I. & Kato, M. (orgs.) Português brasileiro: uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo. Campinas: Unicamp, 1993.
- KATO, M. A. tópico e sujeito: duas categorias na sintaxe? Cadernos de estudos linguísticos, n. 17. Unicamp: campinas, 1989.
- KATO, M. Two types of wh-in-situ in Brazilian Portuguese. Trabalho apresentado no George town Round Table, Washington DC, 2004.
- KAYNE, Richard. Movement and Silence. New York: Oxford University Press, 2005.
- KENEDY, E. (2009). Por uma pesquisa em “sintaxe experimental” sobre a topicalização no português do Brasil. in: XvconGREssodAAssEI, Rio de Janeiro. Anais do XV Congresso da Assel – linguagens em diálogo: pesquisa e ensino na área de letras. RJ: Ed. UFRJ, 2009.
- KENEDY, Eduardo. (Org.) Transitividade Traço a Traço. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2014. Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vol. 16, Dezembro 2014. [<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>]
- LARSON, Richard K. On the Double Object Construction. Linguistic Inquiry, v. 19, p. 335-391, 1988.
- LI, Charles N. e THOMPSON, Sandra A. “Subject and topic: a new typology of language”. In: LI, Charles N. (ed.). Subject and topic. New York: Academic Press Inc, 1976.
- MAIA, M. Sintaxe Experimental: entrevista com Marcus Maia. 5H9 (/ , v. 10, n. 8, 2012. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/ÀOHVFIHIGIDGDSGI>. Acesso: junho 2014.
- MIOTO, Carlos. Sobre o sistema CP no Português Brasileiro. Revista Letras, n. 56, p. 97-139, 2001. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/18409>. Acesso em: 26 junho 2024.
- MIOTO C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. Novo Manual de Sintaxe. Florianópolis: Insular, 2004.
- MIOTO, Carlos. Reduced pseudoclefts in Caribbean Spanish and Brazilian Portuguese. In: BIANCHI, Valentina; CHESI, Cristiano (orgs.). ENJOY LINGUISTICS! Papers offered to Luigi Rizzi on the occasion of his 60th birthday. Siena: CISCL, 2012, p. 287-302.
- MIOTO, Carlos; KATO, Mary A. As interrogativas Q do português europeu e do português brasileiro atuais. Revista da abralin, v. 4, n. 1 e 2, p. 171-196, 2005. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/923> . Acesso em: 26 junho 2024.
- NEGRÃO, E. V. O português brasileiro: uma língua voltada para o discurso. (tese de livre docência). USP: SP, 1990.
- ORSINI, Mônica Tavares. As construções de tópico no Português do Brasil: uma análise sintático-discursiva e prosódica. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa, UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.
- PONTES, E. O tópico no português do brasil. Campinas: Pontes, 1987
- POLLOCK, Jean-Yves. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. Linguistic Inquiry, v. 20, n. 3, p. 365-474, 1989.
- QUAREZEMIN, Sandra. A focalização do sujeito no Português Brasileiro. 2005. 127f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFSC, Florianópolis.
- QUAREZEMIN, Sandra. As estratégias de focalização no Português Brasileiro – uma abordagem cartográfica. 2009. 198f. Tese (Doutorado em Linguística) – UFSC, Florianópolis.
- QUAREZEMIN, Sandra. Sujeito e objeto focalizados nas sentenças SVO do português brasileiro. Fórum Linguístico, v. 9, n. 3, p. 203-214, 2012.
- QUAREZEMIN, Sandra. A arquitetura da sentença no Português Brasileiro: considerações sobre Sujeito e Tópico. Revista Letras, Paraná, v. 96, p. 196-218, 2017.
- QUAREZEMIN, Sandra. Um novo olhar sobre as sentenças com redobro em Português Brasileiro. Revista da Anpoll. v. 1, n. 48, p. 52-63, 2019.
- QUAREZEMIN, Sandra. Brazilian double subjects and sentence structure. In: PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; EMMEL, Ina; QUAREZEMIN, Sandra (orgs.). Brazilian Portuguese, Syntax and Semantics. 20 years of Núcleo de Estudos Gramaticais. Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2020a, p. 108-134.
- QUAREZEMIN, Sandra. Cartography, Left Periphery and Criterial Positions: an interview with Luigi Rizzi. DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 36, n. 1, p. 1-19, 2020b. Disponível em: <https://revistas.>

pucsp.br/index.php/delta/article/view/52309. Acesso em 26 junho 2024.

QUAREZEMIN, Sandra. Brazilian Portuguese focalizing ser construction: focus on Self. (no prelo) In: BAUNAZ, Lena; BOCCI, Giuliano; NEVINS, Andrew (orgs.). *The Ziggurat of Grammar*.

QUAREZEMIN, Sandra; TESCARI NETO, Aquiles. Da sintatização dos focos contrastivo e exaustivo em CP e das estratégias de marcação de foco. *ReVEL*, edição especial, n. 10, p. 42-77, 2015.

QUAREZEMIN, Sandra; TESCARI NETO, Aquiles. *A sintaxe do português brasileiro em perspectiva cartográfica*. Campinas: Pontes, 2020.

QUAREZEMIN, Sandra; CARDINALETTI, Anna. Non-topicalized preverbal subjects in Brazilian Portuguese, compared to Italian. *Rivista Annali di Ca' Foscari. Serie occidentale*, Itália, v. 51, p. 383-409, 2017.

QUAREZEMIN, S.; TESCARI NETO, A. A PROPÓSITO DOS VINTE E CINCO ANOS DO PROGRAMA CARTOGRÁFICO NO BRASIL: HIERARQUIAS CARTOGRÁFICAS E EXPLANAÇÃO TEÓRICA. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 77, p. 470-531, 2024. DOI: 10.9771/ell.v0i77.61694. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/61694>. Acesso em: 4 jul. 2024.

RIZZI, Luigi. *Relativized Minimality*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, 1990.

RIZZI, Luigi. Residual verb second and the Wh-criterion. In: BELLETTI, Adriana; RIZZI, Luigi (orgs.). *Parameter and functional heads*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 63-90.

RIZZI, Luigi. The Fine Structure of Left Periphery. In: HAEGEMAN, Liliane (org.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 1997, p. 281-337.

RIZZI, Luigi. Notes on cartography and further explanation. *Probus*, v. 25, n. 1, p. 197-226, 2013.

RIZZI, Luigi; SHLONSKY, Uri. Strategies of subject extraction. In: GÄRTNER, Hans Martin; SAUERLAND, Uli (eds.). *Interfaces + recursion = Language? Chomsky's minimalism and the view from syntax-semantics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007, p. 115-160.

RIZZI, Luigi. *Cartography and Explanation*. Minicourse given at 3rd EISSI. Universidade Federal de Santa Catarina, 25-26 de junho de 2018. 2018a. Disponível em: <https://negufsc.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/06/rizzi-florianopolis-minicourse-1.pdf>. Acesso em: 27 junho 2024.

RIZZI, Luigi. A note on left-peripheral maps and interface properties. In: GRIMALDI, Mirko; LAI, Rosangela; FRANCO, Ludovico; BALDI, Benedetta (orgs.). *Structuring Variation in Romance Linguistics and Beyond in honour of Leonardo M. Savoia*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2018b.

RIZZI, Luigi; CINQUE, Guglielmo. Functional categories and syntactic theory. *Annual Review of Linguistics*, v. 2, p. 139-163, 2016.

ROEPER, T.; MAIA, M.; FRANÇA, A. I. Old Story, New Results and Analyses. *Cadernos de Linguística*, v. 1, p. 01-24, 2020.

SCOTT, Gary-John. Stacked adjectival modification and the structure of nominal phrases. In: CINQUE, Guglielmo (ed). *Functional structure in DP and IP*. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 91-120.

SPOUSE, J. A. *Program for experimental syntax: Finding the relationship between acceptability and grammatical knowledge*. (Tese Doutorado). University of Maryland: Maryland, 2007.

SPOUSE, J., SCHUTZE, C. T., ALMEIDA, D. A. Comparison of informal and formal acceptability judgments using a random sample from *Linguistic Inquiry* 2001-2010. *Lingua*, 134, 219-248, 2013.

TESCARI NETO, Aquiles. *Sintaxe gerativa: uma introdução à cartografia sintática*. Campinas: Editora da Unicamp, 2021.

TESCARI NETO, Aquiles; QUAREZEMIN, Sandra. O Programa Cartográfico da Teoria de Princípios e Parâmetros: uma entrevista a Guglielmo Cinque. In: QUAREZEMIN, Sandra; TESCARI NETO, Aquiles. (orgs.). *A sintaxe do português brasileiro em perspectiva cartográfica*. 1ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 227-235.

VALE, O. A. *Expressões Cristalizadas do Português do Brasil: uma proposta de tipologia*. (Tese Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.